



Autor \_ PESSOA  
Título \_ POEMAS COMPLETOS DE  
ALBERTO CAEIRO

**Copyright** \_ Hedra 2006  
**Corpo editorial** \_ Adriano Scatolin,  
Bruno Costa, Caio Gagliardi,  
Fábio Mantegari, Felipe C. Pedro,  
Iuri Pereira, Jorge Sallum,  
Oliver Tolle, Ricardo Musse,  
Ricardo Valle

**Dados** \_ Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Pessoa, Fernando (1888–1935)

Poemas completos de Alberto Caeiro. /

Pessoa, Fernando. – São Paulo: Hedra, 2006  
186 p.

ISBN 978-85-7715-014-4

1. Poesia. I. Literatura Portuguesa.

CDU 869

CDD 869.1

Elaborado por Wanda Lucia Schmidt CRB-8-1922

Direitos reservados em língua  
portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.

**Endereço** \_ R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)  
05416-011 São Paulo SP Brasil

**Telefone/Fax** \_ +55 11 3097 8304

**E-mail** \_ editora@hedra.com.br

**Site** \_ www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

—  
—  
—  
—  
—  
—  
**Autor** \_ PESSOA  
**Título** \_ POEMAS COMPLETOS DE  
ALBERTO CAEIRO  
**Introdução e organização** \_ CAIO GAGLIARDI  
**São Paulo** \_ 2013  
—  
—  
—  
—

hedra

-  
-

- **Fernando Antônio Nogueira Pessoa** (Lisboa, 1888–*id.*, 1935) é
- o mais importante poeta português do século XX. Aos sete anos, muda-se com a mãe para Durban, na África do Sul, onde é alfabetizado na língua inglesa. Em 1905, retorna definitivamente para sua cidade natal e ingressa na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Começa a publicar textos de crítica na revista *A águia*, em 1912, e a colaborar em jornais e revistas, sendo a principal delas a *Orpheu*. Cria os heterônimos Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis, o “semi-heterônimo” Bernardo Soares e o ortônimo “Pessoa ele-mesmo”. Durante sua vida publicou em livro apenas *Mensagem* (1934). Trabalhou em Lisboa como tradutor e “correspondente estrangeiro” de casas comerciais. Falece em decorrência de uma cirrose hepática aos 47 anos, nesta mesma cidade.

**Alberto Caeiro**, segundo Fernando Pessoa, inaugura a plêiade de personalidades criadoras, designadas pelo poeta como heterônimos. O marco inicial do processo heteronímico teria sido o dia 8 de março de 1914, batizado por Pessoa como “dia triunfal”, e celebrado pelo relato de um fluxo criativo ininterrupto, capaz de dar forma a um grande número de poemas notáveis, seja por sua qualidade inerente, seja por sua pluralidade semântica e estilística. No domínio da ficção biográfica, Caeiro nasceu em 1889, passou sua curta vida numa aldeia do Ribatejo, para onde se retirou em virtude da delicada saúde, e morreu em 1915.

-  
-

**Além de “O guardador de rebanhos”**, considerada a obra principal atribuída a Caeiro, este volume reúne outras duas séries de poemas, cujo estabelecimento textual é ainda alvo de investigações, “O pastor amoroso” e “Poemas inconjuntos”.

**Caio Gagliardi** é professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo, na área de Literatura Portuguesa; mestre e doutor em Teoria e História Literária pela UNICAMP e pós-doutor em Teoria Literária pela USP. É também pesquisador da obra de Fernando Pessoa e editor do site *Crítica & Companhia*.



# SUMÁRIO

Apresentação, por Caio Gagliardi .....	9
<b>POEMAS COMPLETOS DE ALBERTO CAEIRO</b>	<b>23</b>
Introdução .....	25
O guardador de rebanhos .....	29
O pastor amoroso .....	91
Poemas inconjuntos .....	99
Notas para a recordação do meu mestre Caeiro .....	175





# APRESENTAÇÃO

| 9

Ai de ti e de todos que levam a vida  
A querer inventar a máquina de fazer felicidade!

Alberto Caeiro

## I

Suponhamos que Alberto Caeiro tenha existido; que tenha sido um corpo orgânico articulado, de carne e osso, dotado de capacidades sensitivas e cognitivas, e, o mais importante, de especial habilidade para escrever poemas. Caeiro seria então um homem louro, de olhos azuis, pele clara e estatura média. Nascido em Lisboa, em 1889, e tuberculoso, como o pai de Pessoa, teria se mudado para a casa de uma velha tia-avó, numa aldeia do Ribatejo. À distância, portanto, do alarido da cidade, e entregue à atitude contemplativa no contato direto com a natureza, Caeiro teria escrito duas das séries de poemas reunidas neste volume, “O guardador de rebanhos” e “O pastor amoroso”, e depois, de volta a Lisboa, e já nas vésperas de sua morte, em 1915, os “Poemas inconjuntos” — título só atribuído “postumamente”, por Fernando Pessoa.

A primeira dessas séries destaca-se das demais por ser considerada a que inaugura um estágio na poesia de Pessoa, bem como a que define a fisionomia poética de Caeiro.

“O guardador de rebanhos” pode ser lido como um conjunto de poemas dotados de autonomia estética e semântica, isto é, de poemas cujo sentido se estabelece independentemente de sua relação entre si, embora o contato ainda incipiente com esses textos sugira o contrário. Isso porque já a enumeração dos textos nos coloca em face com um poema

## APRESENTAÇÃO

**10** | composto, dividido em algumas dezenas de partes, que se somam umas às outras para desenhar um trajeto, um percurso com sentido próprio. Ambas as leituras são legítimas, a do todo e a das partes, posto que estas configuram, em suma, pequenos todos. E ambas são complementares, na medida em que uma empresta caminhos e abre perspectivas para a outra.

Aqui, apresentarei “O guardador de rebanhos” como um texto orgânico, ordenado por um senso construtivo que faz confluír cada uma das partes que o compõem através da harmonização de suas diferentes tensões.

## II

Escrito na primeira pessoa do singular, “O guardador de rebanhos” se inicia com a proposição de um acordo com o leitor: “Eu nunca guardei rebanhos,/ Mas é como se os guardasse.” Assume-se, portanto, uma condição particular para o eu lírico do poema, a de pastor.

Alberto Caiero é alegoricamente pastor, uma vez que sua proposição inicial é essencialmente metafórica: “as minhas ideias são o meu rebanho”. Assim sendo, considere-se que logo de início o eu lírico se afirma como alguém que se quer pastor. E desejar-se pastor é apenas o primeiro passo para a definição de um perfil autoral — o poema será a voz de um elocutor espontâneo, inculto e instintivo. Mas também se define assim uma postura existencial — desejar apenas a natureza rural em si mesma, deixar-se absorver pela realidade objetiva, captada pelos sentidos, deambular pelo campo vivendo de impressões, sobretudo visuais, da paisagem à volta, e captar, a cada instante, a novidade das coisas, o seu conteúdo original.

A procura constante do real objetivo e atemporal de cada coisa em si mesma, deve provir, nesse corpo de poemas, da anulação do intelecto, porque, segundo Caiero, “pensar é estar doente dos olhos”. Opondo-se à metafísica (“Há

## CAIO GAGLIARDI

| 11

metafísica bastante em não pensar em nada.”) ou a qualquer exercício de abstração mental (“O que penso eu do mundo?/ Sei lá o que penso do mundo!/ Se eu adoecesse pensaria nisso.”), Caeiro transfigura aquilo que é atributo do intelecto em percepção sensível: “E os meus pensamentos são todos sensações./ Penso com os olhos e com os ouvidos/ E com as mãos e os pés/ E com o nariz e a boca.” É pelos órgãos do sentido, e somente por meio deles, que a realidade material do mundo (a única realidade) pode ser revelada, na medida em que está tudo à mostra: “Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la/ E comer um fruto é saber-lhe o sentido.”

Estamos diante de uma visão objetualista do mundo, segundo a qual as coisas se resumem à sua aparência externa, àquilo que se mostra ao olhar. A exaltação do real sensível opõe-se, por decorrência, ao ideal concebido pelo espírito. Sem sombras ou mistérios, avesso a qualquer transcendência, estranho às crenças, ao oculto (“O único sentido íntimo das coisas/ é elas não terem sentido íntimo nenhum.”), ao filosófico e ao místico (“Os poetas místicos são filósofos doentes./ E os filósofos são homens doidos.”), o mundo diáfano de Caeiro leva à recusa do Cristianismo, segundo uma justificativa desconcertante: “Não acredito em Deus porque nunca o vi”.

Mas isso não significa que essa visão de mundo seja agnóstica. Conforme esclarece Leyla Perrone-Moisés, recusar Deus não é o mesmo que recusar uma dimensão divina para si mesmo e para as coisas ao redor. Se não há deísmo ou adoração nessa poesia, é porque — e esse é um aspecto seu importante — é a própria aparência que é divina. Caeiro é pagão, e o paganismo vira, por assim dizer, a consciência do poeta não para dentro, mas para seu exterior, para o mundo das formas, destituído de fantasmas.

Mas se Deus é as flores e as árvores  
E os montes e sol e o luar,  
Então acredito nele,

## APRESENTAÇÃO

12 | Então acredito nele a toda hora,  
E a minha vida é toda uma oração e uma missa,  
E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos.

Mas se Deus é as árvores e as flores  
E os montes e o luar e o sol,  
Para que lhe chamo eu Deus?

Possivelmente influenciado por *A velhice do padre eterno*, de Guerra Junqueiro, o poema que marca o esforço por superar a fé cristã da infância e estabelecer a transição para o paganismo é o VIII de “O guardador de rebanhos”. Seu tom abertamente provocativo contrasta com os demais poemas, talvez pelo fato de ser nele que Caeiro zomba do Deus transcendente, e acolhe o menino Jesus que faz chapinhas nas poças e corre atrás das raparigas para levantar-lhes as saias. É essa “Criança Nova”, que habita o eu lírico Caeiro, quem lhe ensinará a olhar para o mundo. Assim, a passagem para o paganismo está associada ao que Caeiro chama de “aprendizagem de desaprender”: à limpeza ideológica das práticas da análise e da crença, à libertação do raciocínio, das ilusões psicológicas, da recorrência à Providência, dos pressupostos culturais; de tudo o que não é, em suma, ciência da visão.

A mim ensinou-me tudo.  
Ensinou-me a olhar para as coisas.  
Aponta-me todas as coisas que há nas flores.  
Mostra-me como as pedras são engraçadas  
Quando a gente as tem na mão  
E olha devagar para elas.

Caeiro desconhece o espírito. Ama, portanto, o que há de divino no corpo das coisas, na sua materialidade explícita e individual. Aparentemente destituído de ânsia especulativa, ele escapa às aporias da metafísica, e potencializa, como pedra de toque dessa poesia, uma filosofia da visão; uma visão sem artifício ou sede interpretativa, que elege como

## CAIO GAGLIARDI

| 13

referência o modelo infantil, sem ignorar, no entanto, o universo cultural que lhe segue. Dessa forma, a hipótese de um suposto momento original e absoluto, porque uno, transforma-se num caminho crítico em “O guardador de rebanhos”, cujo vetor principal aponta da complexidade para a simplicidade.

Em confluência com esse ideal de simplicidade e sensualidade (no sentido de percepção pelos sentidos), de contemplação direta das coisas, a poesia é escrita num registro também direto, como se Caeiro pensasse em voz alta. A linguagem despojada e o vocabulário enxuto condizem com a suposta primitividade do eu lírico, e da personagem criada. Despida de afetos e apelos emotivos, sem metro, rima, jogos sonoros ou marcação rítmica, a escrita dos poemas se vale, em síntese, daquilo que apresenta como natural e espontâneo.

Caeiro é, além do heterônimo mais inusitado, o mais radicalmente diferente do Fernando Pessoa ele-só. À luz dos poemas anteriores e subsequentes, do ortônimo, de Reis e Campos, mas também do próprio Caeiro, “O guardador de rebanhos” se apresenta como antídoto ao decadentismo, tão marcante na poesia portuguesa da virada do século XIX para o XX. Em resposta, Caeiro é didático. E é nesse sentido que pode ser considerado “mestre” dos heterônimos. Fundamentalmente, Caeiro *ensina* um novo olhar.

O título de “mestre”, atribuído pelo próprio Pessoa, tem relação direta com um projeto poético heterogêneo, eivado de contradições e momentos de percepção luminosa, que Fernando Pessoa teorizou e denominou Sensacionismo.

## III

Num dia [...] — foi em 8 de março de 1914 — acerquei-me de uma cômoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir.

## APRESENTAÇÃO

- 14 | Foi o dia triunfal da minha vida, e nunca poderei ter outro assim. Abri com o título, “O guardador de rebanhos”. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. Desculpe-me o absurdo da frase, aparecera em mim o meu mestre.<sup>1</sup>

Esse é o mais conhecido excerto de uma carta-resposta que Pessoa remete ao crítico Adolfo Casais Monteiro, então co-diretor da revista *Presença*, órgão principal do Segundo Modernismo português, e revitalizador da geração anterior, reunida em torno da revista *Orpheu*. A carta, de 13 de janeiro de 1935 — escrita, portanto, mais de vinte anos após o suposto “dia triunfal” —, foi publicada num número especial da revista, dedicado ao poeta, e passou a ser referida como “carta sobre a gênese dos heterônimos”. Ela é um dos mais conhecidos documentos deixados por Pessoa, e, a despeito dos ecos que produziu, um dos menos confiáveis.

De sua leitura, resulta um dado importante sobre Caeiro: cabe a ele ocupar o ponto mais alto no panteão heteronímico.

Álvaro de Campos e Ricardo Reis também não existiram, mas a eles Pessoa atribuiu a autoria de séries de notáveis poemas, e de alguns textos em prosa. Dois desses textos, um intitulado “Notas para a recordação do meu mestre Caeiro”, em que se delineia um testemunho afetivo e profundo da personalidade e das ideias do “mestre”, e outro, sem título, em que se produz algo próximo a uma recensão crítica de “O guardador de rebanhos”, somam-se, nesta edição, aos três grupos de poemas. Nas “Notas”, de Álvaro de Campos, encontramos o lamento do discípulo diante da notícia da morte do “mestre”: “Meu mestre, meu mestre, perdido tão cedo! Revejo-o na sombra que sou em mim, na memória que conservo do que sou de morto. . .”

O “mestre Caeiro” tem um atributo: sensacionista. É preciso atentar para essa sua especificidade.

<sup>1</sup>Carta a Casais Monteiro, 13/1/1935. In: Antonio Tabucchi, *Pessoaana Mínima*. S/l.: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, pp. 121—126.

## CAIO GAGLIARDI

| 15

O Sensacionismo é uma soma de textos fragmentários escritos em português e inglês, perfilados em volume pelos autores que compilaram a prosa teórica de Pessoa, e fundamentados, em síntese, numa ideia comum: de rejeição à existência de qualquer realidade independente da percepção.

A afirmação que o define com maior simplicidade postula que a única realidade é a sensação. Essa formulação eleva nossa noção comum de sensação à altura de uma doutrina de conhecimento, absolutizada pelo poeta: “Sentir é compreender. Pensar é errar. Compreender o que outra pessoa pensa é discordar dela. Compreender o que outra pessoa sente é ser ela.”<sup>2</sup>

O desenvolvimento desse princípio se dá a partir da reformulação da linguagem usada para descrever as coisas. Pessoa hierarquiza e classifica o que não seriam, a princípio, sensações, como decorrências suas. Assim, “as ideias são sensações, mas de coisas não situadas no espaço e, por vezes, nem mesmo situadas no tempo. A lógica, o lugar das ideias, é outra espécie de espaço”.<sup>3</sup>

Está claro, no entanto, que ao apresentar o Sensacionismo como algo aparentado a uma doutrina de conhecimento, a intenção de Pessoa não é fundar uma filosofia, e sim justificar uma poética:

Eu era um poeta impulsionado pela filosofia, não um filósofo dotado de faculdades poéticas. Adorava admirar a beleza das coisas, descortinar no imperceptível. Através do que é diminuto, a lama poética do universo.<sup>4</sup>

Assim, “a base de toda a arte é a sensação”.<sup>5</sup>

A personagem Caeiro é qualificada por Pessoa como

<sup>2</sup>Fernando Pessoa. *Páginas íntimas de auto-interpretação*, sel., pref. e notas de Jacinto do Prado Coelho e Georg Rudolf Lind. Lisboa: Ática, 1966, p. 217.

<sup>3</sup>Ibid., p. 185.

<sup>4</sup>Ibid., p. 14.

<sup>5</sup>Ibid., p. 192.

## APRESENTAÇÃO

- 16 | “fundadora” do Sensacionismo. Esse título decorre menos de uma eleição, digamos, em segunda instância de Pessoa, do que, efetivamente, da presença de uma profissão de fé sensacionista em “O guardador de rebanhos”. Ali, o eu lírico afirma categoricamente: “Eu não tenho filosofia: tenho sentidos. . .”. Assim sendo, o ato de escrever significa, já de partida, uma contrariedade, porque não se escreve somente com os sentidos. Daí a explicação: “Como se escrever fosse uma coisa que me acontecesse”. O eu lírico escreve como se consubstanciasse, ou melhor, como se quisesse consubstanciar — sem a interferência do pensamento, portanto — as próprias sensações.

Procuo dizer o que sinto  
Sem pensar o que sinto.  
Procuo encostar as palavras à ideia.

Em Caeiro, o despojamento da roupagem civilizacional e a conseqüente concentração de todo o ser nos órgãos dos sentidos metamorfoseia-se em troca daquilo que nos demais heterônimos (inclusive o ortônimo) encerra as dicotomias do raciocínio, agrupadas em torno do núcleo *consciência* versus *sensação*. Caeiro não representa, nesse sentido, a conquista de uma unidade perdida, ou sequer procurada — algo que, nos demais domínios da obra pessoana, resultaria em solução para os constantes impasses existenciais. Ele simplesmente finge deslocar-se para longe dessas questões. E até aqui, esse ideal-Caeiro reclama do leitor que aceite o jogo de faz-de-conta proposto por Pessoa.

## IV

Mas Alberto Caeiro não foi poeta, tampouco escritor. Caeiro nunca existiu, sequer se materializou como personagem de um romance, conto ou peça. Apesar disso, este livro traz o seu vistoso nome na capa, sugerindo ter sido Alberto Caeiro autor dos poemas que se seguem. Não é



## CAIO GAGLIARDI

| 17

verdade. No sentido restrito, o autor dos poemas que se irão ler foi Fernando António Nogueira Pessoa, esse sim escritor, e nascido em Lisboa, no dia 13 de junho de 1888.

Alberto Caeiro, por seu turno, é um nome com que Pessoa se referiu a aspectos distintos de sua obra. Um deles, já descrito aqui, é a célebre personagem heteronímica, a figura fictícia composta por um conjunto restrito de hábitos, descritores físicos, datas e espaços biográficos. O outro Alberto Caeiro é o nome que designa um ideal de felicidade, a magistral utopia antimetafísica, da exterioridade absoluta, que reage, como já salientado, ao decadentismo remanescente dos finais do século XIX (presente, por exemplo, em parte da obra de Mário de Sá-Carneiro, e do próprio Fernando Pessoa, autor de poemas como “Impressões do crepúsculo” e “Hora absurda”); e ao saudosismo português (corporificado na figura e na obra do poeta Teixeira de Pascoaes, e notavelmente amplificado no seu ponto epigonal, que é *Mensagem*, de Fernando Pessoa).

Mas além da personagem, depreendida do anedotário heteronímico, e da ideologia, constituinte, como se vê, dos poemas de “O guardador de rebanhos”, resta tratar da escrita, do discurso ao qual se confere o nome Alberto Caeiro. E é este, efetivamente, um terceiro ponto a ser discutido.

Caeiro é pastor, mas um pastor no mínimo curioso, que lê Cesário Verde e que conhece Virgílio (“Os pastores de Virgílio tocavam avenas e outras coisas/ E cantavam de amor literariamente.”). E, conforme já se salientou, o ideal-Caeiro é o de anular, não a personalidade, mas a consciência dessa personalidade, e definir-se apenas pelo olhar, pela exterioridade absoluta. Mas um movimento interrogativo, que é próprio, como se verá, dessa sintaxe bem armada, deixa à mostra o real esforço que se emprega por trás da aparente serenidade de “O guardador de rebanhos”:

Se eu interrogasse e me espantasse

## APRESENTAÇÃO

18 | Não nasciam flores novas nos prados  
 Nem mudaria qualquer coisa no sol de modo a ele ficar mais  
 [belo

(Mesmo se nascessem flores novas no prado  
 E se o sol mudasse para mais belo,  
 Eu sentiria menos flores no prado  
 E achava mais feio o sol...  
 Porque tudo é como é e assim é que é,  
 E eu aceito, e nem agradeço,  
 Para não parecer que penso nisso...)

Caeiro especula, embora lute a todo momento contra o pensamento: “Quase que me perco a pensar o que isto significa”. Como traição ao ideal “neopagão”, o raciocínio abstrato infiltra-se no texto. É como se essa poesia não pudesse ir tão longe, a ponto de encarnar o ideal que apresenta (e não que *representa*), uma vez que, em seu percurso, o espírito essencialmente crítico e interrogativo da poesia que caracteriza a voz predominante do poeta ortônimo passa a explorar as impossibilidades e as decorrências dessa perspectiva objetiva. “O guardador de rebanhos” evidencia, com especial carga dramática — porque concentrada, e nunca deflagrada ou posta a nu —, o campo de batalha em que está assentado, o esforço da busca, da procura constante do eu lírico: “Procuro dizer o que sinto/ Sem pensar em que o sinto./ Procuro encostar as palavras à ideia”. A sua suposta harmonia, ao longo da conjugação repetitiva do verbo “procurar”, revela-se tensa, reiteradamente dramática:

Nem sempre consigo sentir o que sei que devo sentir.

O meu pensamento só muito devagar atravessa o rio a nado

Porque lhe pesa o fato que os homens o fizeram usar.

Procuro despir-me do que aprendi.

Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram.

E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,

Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,

Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caeiro,



## APRESENTAÇÃO

20 | Que o luar através dos altos ramos.

Mas para mim, que não sei o que penso,  
 O que o luar através dos altos ramos  
 É, além de ser  
 O luar através dos altos ramos,  
 É não ser mais  
 Que o luar através dos altos ramos.

Desse modo, produz-se, em síntese, um impasse entre a busca da objetualidade e um caminho poético autoconsciente.

Dessa binaridade brota, em “O guardador de rebanhos”, uma pequena série de poemas para a qual o próprio eu lírico, no poema XV, chama a atenção. Esses poemas, em particular, seriam em tudo contrários à proposta régia do livro, ou seja, ao ideal-Caeiro:

As quatro canções que seguem  
 Separam-se de tudo o que eu penso,  
 Mentem a tudo o que eu sinto,  
 São do contrário do que eu sou. . .

Apresentada como voz de um eu lírico que se confessa “doente”, essa pequena série (XVI a XIX), marcada pelo signo da oposição, isto é, pela subjetividade, pela vontade permanente, pela estrutura metafórica explícita, e às vezes pela rima, encerra um ciclo de exaustão em “O guardador de rebanhos”. Impedido de realizar algo aparentado com aquilo que Husserl chama de *redução eidética* das coisas, ou de, por outra perspectiva, obter o que Bergson, e depois Merleau-Ponty, definiram por *sensação pura*, Caeiro sofre uma momentânea recaída. Mas, notemos: recaída apenas na medida em que aceitemos a inexistência de traços subjetivos e especulativos nos poemas que antecedem e sucedem essa série.

Na esteira desse acordo que Pessoa propõe, o “Pastor amoroso” representaria para nós, leitores condescendentes,

## CAIO GAGLIARDI

a entrega do “mestre” ao farisaísmo romântico que antes rejeitara. | 21

Mas não é apenas nessa pequena série de poemas que essa polaridade se estabelece:

Sim, mesmo a mim, que vivo só de viver,  
Invisíveis, vêm ter comigo as mentiras dos homens  
Perante as coisas,  
Perante as coisas que simplesmente existem.

Que difícil ser próprio e não ver senão o visível!

Antes, portanto, será melhor pensar que a poesia-Caeiro não se limita ao mito Caeiro. A coerência ou a incoerência de um heterônimo só pode ser justificada em termos de personalidade. Do ponto de vista de quem interpreta o texto, precede qualquer incursão imaginativa a tarefa fundamental de se considerar que o estilo-Caeiro não se reduz a exprimir uma personalidade. Ele nos coloca, ao invés disso, diante de uma escrita que sugere sentidos ao leitor, e cuja existência só se pode reconhecer verbalmente.

Procedendo dessa maneira, talvez seremos levados a considerar que se essa série de quatro poemas se apresenta sob a justificativa de um *mea culpa*, há que se sublinhar que seu distanciamento de um suposto ideal acaba por reiterar, na verdade, o empreendimento construtivo do poema. Em outras palavras, reforça-se, com esse expediente, o pacto inicial feito com o leitor, posto que, uma vez condicionado todo e qualquer traço de estilo ou lapso ideológico a um estado doentio do eu lírico, reitera-se o lado, por assim dizer, “são” do sujeito dos poemas.

Fatigado em meio a esse empreendimento corporificador do mundo, que resulta de imensas proporções, ao invés de simplesmente ver, Caeiro pensa que vê. O anti-humanismo do ideal-Caeiro se mostra contaminado de inquietude, incoerência e insegurança, aquém do humanismo da poesia-Caeiro. Desse pólo de contrastes, definido como o percurso

## APRESENTAÇÃO

**22** | de uma impossibilidade, “O guardador de rebanhos” se apresenta em sua integridade dramática.

O exercício crítico de se ler Alberto Caeiro para além da linha de suas afirmações implica constatar que a linguagem dos poemas não é meramente referencial ou denotativa. O ponto crítico situado entre o ser e o querer ser constitui, como traço próprio, o lugar de atuação dessa escrita.

Assim, essa poesia, ao satirizar as variações evanescentes do subjetivismo que a antecede, e ao cantar insistentemente, e como solução, “a espantosa realidade das coisas”, não oculta uma melancolia que consiste, não em outra coisa, senão em um dos problemas cruciais da literatura: a distinção central, e de dimensão ontológica, entre as esferas da linguagem e do real.